

PERCEPÇÃO DO ENFERMEIRO PRECEPTOR QUANTO AO SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DOS GRADUANDOS PARA O SUS: PESQUISA APLICADA EM SERVIÇO.

Fabiana Silva Marins Nazareno Cosme¹, Geilsa Soraia Cavalcanti Valente², Ludimila Cuzatis Gonçalves³, Elaine Antunes Cortez⁴, Louise Anne da Paixão⁵

Este estudo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “A Preceptorial de Enfermagem na Atenção Básica: uma Questão de Competências”, do Mestrado Profissional de Ensino na Saúde da Escola de Enfermagem da UFF. Trata-se da análise da primeira categoria de uma pesquisa do tipo exploratória e descritiva com abordagem qualitativa e análise segundo perspectiva dialética. As técnicas de coleta de dados foram entrevistas e grupos focais cujos instrumentos utilizados foram roteiro para entrevista semi-estruturada e roteiro semi-estruturado para condução dos grupos focais. Para a realização da análise dos achados, as respostas foram agrupadas em categorias e discutidas com base na análise temática de Minayo. Desta forma, a primeira categoria de estudo tratou-se da percepção do enfermeiro preceptor quanto ao seu papel na formação dos graduandos de enfermagem para atuação no Sistema Único de Saúde (SUS). Os cenários da pesquisa foram três unidades de atenção básica situadas em duas metrópoles do Estado do Rio de Janeiro, nove enfermeiros preceptores participaram do estudo. O critério de inclusão dos sujeitos foi a experiência mínima de dois meses de atuação e o critério de exclusão não demonstrar interesse em participar. De forma a contextualizar o estudo, ressalta-se que na década de 80, quando surgiram novas propostas de saúde, visando uma melhor organização do sistema, estas trouxeram pressupostos de equidade, integralidade e universalidade, sendo exigido do mercado profissionais com formação generalista, capazes de atuar em diferentes níveis de atenção à saúde⁽¹⁾. Para implementação destas propostas, houve discussões entre as entidades de classe, escolas, instituições de saúde, entre outros, acerca da necessidade de reformulação dos currículos. Houve repercussão de tais demandas na sociedade e determinações legais (Constituição Federal /88, Leis 8080/90 e 8142/90; Lei 9131/95, LDBEN/96, DCN do curso de enfermagem/2001); os cursos de graduação passaram a ter a incumbência de viabilizar a formação de um profissional diferenciado, com competências e habilidades que o possibilite a desempenhar suas funções de forma crítica-reflexiva e com criatividade, que o capacite ao cuidado em saúde em seu aspecto mais amplo^(1,2). Tendo como um dos elementos básicos para tanto, o enfoque *in loco* do trabalho como ambiente produtivo para formação com o acompanhamento dos graduandos pelo trabalhador do serviço (preceptor), tendo a oportunidade de vivenciar toda a realidade do universo do trabalho. A condição indispensável para uma pessoa ou uma organização decidir mudar ou incorporar novos elementos à sua prática e a seus conceitos é a detecção e contato com desconfortos experimentados no cotidiano do trabalho, a percepção de que a maneira vigente de fazer ou de pensar é insuficiente ou insatisfatória para dar conta dos desafios do trabalho⁽³⁾. Logo, o preceptor precisa entender seu importante papel neste contexto e estar disposto a desenvolver e/ou aprimorar competências que o permitam alcançar êxito neste ofício. E entende-se por

1-Enfermeira, mestranda do MEPS/UFF, enfermeira da SMSDC/RJ; 2- Enfermeira, doutora em Enfermagem, docente da EEAAC/UFF, presidente da ABEn de Niterói/RJ; 3- Enfermeira, mestranda do MEPS/UFF, enfermeira da SMSDC/RJ ;4- Enfermeira, doutora em Enfermagem, docente da EEAAC/UFF, vice-presidente da ABEn de Niterói/RJ;5- Enfermeira, mestre em enfermagem UFRJ, enfermeira da SMSDC/RJ.

competência a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações e estas estão ligadas aos diversos contextos ⁽⁴⁾. A motivação para estudar esta temática teve como base a própria prática como preceptora onde percebeu-se, empiricamente, que a maioria dos preceptores atrela sua atuação a questões mais técnicas do cotidiano e pouco evidencia seu compromisso social com a formação do graduando de acordo com as expectativas do SUS. Têm-se como objetivos: descrever a percepção do enfermeiro preceptor, da atenção básica, quanto ao seu papel na formação dos graduandos de enfermagem e demonstrar a relação de sua percepção com o seu perfil acadêmico e sua experiência relativa à docência, à atuação em atenção básica e à atuação em preceptoria. Resultados: A partir do Autoconhecimento→Percepção do preceptor quanto ao seu papel, houve Reflexão→Descrição dos mesmos, e os achados foram os seguintes, de acordo com a fala dos mesmos: orientador; quem orienta como fazer; auxiliar na formação profissional e pessoal; espelho para os graduandos; quem ensina inserção no SUS; integrador entre ensino-serviço; mediador do contato com o cotidiano do trabalho; quem acompanha alunos; quem passa conhecimentos; quem ensina técnica; quem mostra a rotina; executor de atividades complementares às da faculdade. Sobre o perfil acadêmico dos preceptores e suas experiências afins, destaco as seguintes informações: todos entrevistados foram graduados há mais de nove anos; o sujeito com menos tempo de atuação em atenção básica refere três anos de atuação e igual tempo em preceptoria (é o que tem menos tempo em atuação em preceptoria também); dois têm experiência enquanto docente; sete têm especialização lato sensu em suas áreas de atuação; um não tem especialização alguma; três têm especialização stricto sensu em andamento. Pôde-se, neste estudo, relacionar uma postura pedagógica tradicional com menos tempo de experiência em preceptoria e em atenção básica, bem como a falta de curso de pós-graduação em áreas afins; os depoentes que apresentaram discursos mais consonantes com as novas expectativas do SUS foram dois dos três mestrandos; os depoentes com maior tempo de formados na graduação, manifestaram postura aberta ao novo, pois apesar de apresentarem alguns resquícios de uma linguagem tradicionalista, demonstraram pro atividade ao aprimoramento na profissão. Concluiu-se que ainda que não preponderante dentre os sujeitos do estudo, há possível vínculo com formas tradicionais de ensino denotadas por alguns termos/expressões utilizados (“passar a prática”, “mostrar rotina”, “ensinar técnica”, “passar o que acontece no cotidiano”, “acompanhar”, “mostrar como se faz”). Ainda não há um reconhecimento pleno do papel fundamental de agente de transformação, não houve descrição de um papel mais ativo, que fomente a construção de conhecimentos com base em aprendizagem significativa, que tenha visão ampliada sobre o que é saúde, que estimule a co-participação, a co-responsabilidade, interdisciplinaridade, intersetorialidade contribuindo assim para efetivação do protagonismo dos graduandos e, por conseguinte, da sociedade. Com base nos presentes achados, posso inferir que a qualificação dos preceptores (em busca de especializações) tem surtido efeito progressivo neste sentido e aponta a necessidade da integração de todos os atores envolvidos neste processo para que tal prática seja aprimorada. Descritores: Tutoria, Educação Baseada em Competências, Educação em Enfermagem

1-Enfermeira, mestranda do MEPS/UFF, enfermeira da SMSDC/RJ; 2- Enfermeira, doutora em Enfermagem, docente da EEAAC/UFF, presidente da ABEn de Niterói/RJ; 3- Enfermeira, mestranda do MEPS/UFF, enfermeira da SMSDC/RJ ;4- Enfermeira,doutora em Enfermagem, docente da EEAAC/UFF, vice-presidente da ABEn de Niterói/RJ;5- Enfermeira, mestre em enfermagem UFRJ, enfermeira da SMSDC/RJ.

Referências:

- 1- Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde. Caminhos para a educação Permanente em Saúde: Política de educação e desenvolvimento para o SUS. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.
- 2- Ito, EE. et al. O ensino de Enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: Utopia x Realidade. São Paulo: REEUSP. Vol. 40, 2006
- 3- Ceccim, RB. Educação Permanente em Saúde: desafio ambicioso e necessário. RS: Interface v.9, n.16, 2005.
- 4- Perrenoud P. Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza. Porto Alegre: Artmed; 2001.

Eixo 3: O que e para que pesquisar: limites e possibilidades das linhas e grupos de pesquisa em enfermagem.

Área temática: Políticas e Práticas de Educação e Enfermagem.

1-Enfermeira, mestranda do MEPS/UFF, enfermeira da SMSDC/RJ; 2- Enfermeira, doutora em Enfermagem, docente da EEAAC/UFF, presidente da ABEn de Niterói/RJ; 3- Enfermeira, mestranda do MEPS/UFF, enfermeira da SMSDC/RJ ;4- Enfermeira,doutora em Enfermagem, docente da EEAAC/UFF, vice-presidente da ABEn de Niterói/RJ;5- Enfermeira, mestre em enfermagem UFRJ, enfermeira da SMSDC/RJ.